



## ESTUDO DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS DOCENTES DA UNIFESP - CAMPUS DIADEMA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**ROSAL; Thaysa Ferreira Elvas <sup>1</sup>, BRESOLIN; Iara Rocha Antunes Pereira Bresolin <sup>2</sup>**

### RESUMO

#### Introdução

As mulheres vêm adquirindo direitos e conquistas desde o século XVIII e é indiscutível a importância que elas têm para a economia mundial. No entanto, ainda se observa uma diferença assustadora de cargos e salários, em relação aos homens. Além disso, há países que não admitem a inserção das mulheres na economia, limitando sua existência a ser cuidadora dos filhos, do marido e do lar [1]. Entretanto, essa realidade é exceção. Na maioria dos países, as mulheres podem casar-se, ter filhos e ter uma carreira. Apesar de haver discriminações de gênero em muitos setores profissionais, é inegável a vitória feminina na luta da igualdade.

No Brasil, observa-se uma quantidade significativa de mulheres que trabalham para compor a renda familiar, inclusive muitas delas possuem grau de instrução maior do que o cônjuge, o que pode acarretar um salário maior e elas serem a maior fonte de renda do lar. Há ainda as situações em que a única fonte de renda é a mulher, ou por ser solteira, ou por ser divorciada ou pelo companheiro estar desempregado. No entanto, além das responsabilidades financeiras, a mulher continua com a maior parcela de responsabilidade sobre os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, ocasionando estresse, cansaço e menor disponibilidade para o crescimento na carreira [2].

Com o passar dos anos, as mulheres inseriram-se no universo acadêmico, e hoje em dia elas correspondem a uma boa parcela dos profissionais do magistério superior. Entretanto, existem diferenças de gênero relacionadas à carreira acadêmica, como por exemplo, a dificuldade de conciliar cuidados domésticos e participação em congressos fora do estado ou mesmo país em que residem, assim como realizar orientações de projetos, publicar artigos e trabalhar em casa, já que a profissão exige muita dedicação fora do horário das aulas [3]. Além disso, existe o afastamento necessário causado pela maternidade. E mesmo depois da volta ao trabalho, as mulheres ainda precisam de muitos cuidados com o bebê e uma preocupação constante relacionada à amamentação, à companhia para o bebê, ao período de adaptação, dentre outros. Esse é um momento bem turbulento na vida da mulher, o que pode causar impacto em sua carreira [4].

Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo o estudo do impacto da maternidade na carreira das docentes da UNIFESP – *campus* Diadema. Para isso, foi realizada uma pesquisa com as docentes do *campus*, na qual foram abordados os temas relacionados à produção acadêmica, aos congressos, às orientações de alunos, dentre outros, tendo como enfoque a presença ou ausência da maternidade no período de 12 anos.

### Métodos

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@unifesp.br

Foi elaborada uma ficha de levantamento de dados com 23 perguntas direcionadas às docentes da UNIFESP - *campus* Diadema, que foi submetido ao comitê de ética CEP/UNIFESP. A ficha foi encaminhada às docentes digitalmente (Google Docs via email). Nesta ficha, abordaram-se temas relacionados à carreira acadêmica tais como: quantidade de artigos publicados, viagens a congressos, quantidade de orientações, licenças-maternidade. Foi considerado as docentes mães nos 12 anos anteriores à pesquisa.

## Resultados

Após contato com o RH, constatou-se que a Unifesp - *Campus* Diadema possui um quadro de 144 docentes mulheres. Após o envio do questionário para todas as docentes do *Campus*, foram obtidas 70 respostas. Foi possível a análise descritiva dos dados. Os tópicos referentes aos artigos publicados, às orientações concluídas e às participações em eventos e congressos das docentes nos 12 anos anteriores à pesquisa, foram analisados levando em consideração a maternidade ou ausência dela no período. O estudo foi realizado entre os anos de 2007 e 2018. De acordo com as respostas, 54% das docentes foram mães no período do estudo (46% tiveram 1 filho e 8% tiveram 2 filhos) e 46% não foram mães. Esse número condiz com a pesquisa realizada pelo IBGE, na qual constatou uma queda na taxa de fecundidade da mulher brasileira, reduzindo a média de número de filhos de 2,14 em 2004 para 1,74 em 2014 [5].

Ao ser analisada a idade materna das docentes, observou-se que das 38 mães, 36 tiveram filhos aos 30 anos ou mais e apenas 2 docentes tiveram filhos abaixo dos 30 anos. Esses valores estão de acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE, que mostrou o aumento da maternidade entre 30 e 39 anos (de 22,5%, em 2005, para 30,8%, em 2015) e a redução dos registros de filhos de mães mais jovens [6].

Em relação à licença-maternidade, verificou-se que 27 mães tiraram 6 meses de licença, 8 tiraram entre 3 e 5 meses e 3 não tiveram o benefício. Ao verificar a data de início das atividades na instituição, constatou-se que todas as docentes que não usufruíram os 6 meses de licença-maternidade ainda não faziam parte do grupo de docentes da Unifesp. Dessa forma, pode-se dizer que todas as docentes que já estavam na Unifesp na ocasião da maternidade tiveram o benefício da licença-maternidade prevista pela Constituição, com duração de 120 dias, e utilizaram a complementação da lei 11770/08, prorrogando por até 180 dias a licença [7], uma prática comum para as servidoras públicas.

Em relação ao aleitamento materno, a pesquisa mostrou que 9 mães amamentaram por menos de 6 meses, 15 mães amamentaram de 6 meses a 1 ano e 17 amamentaram por um ano ou mais. Observa-se que menos de 50% das mães continuaram amamentando após um ano. Isso acontece, devido à dificuldade em conciliar as horas da amamentação com o horário do trabalho, o que foi mencionado no questionário como um dos dilemas que as recentes mães enfrentavam ao retornar a rotina do trabalho, causando um desconforto e sentimento de culpa por conta do desmame. Esses dados condizem com o documentário dirigido por Estela Renner, em 2016, onde foi mencionado que 90% das mulheres na América do Norte querem amamentar seus filhos. Apesar disso, aos 6 meses, nos EUA, apenas 16% ainda estão amamentando. Entretanto, em países onde as mães recebem o salário integral para ficar com o bebê, os índices de amamentação são muito altos [8].

No que diz respeito ao impacto da maternidade na produtividade, constatou-se que 36,8% consideraram o impacto bastante negativo, 39,5% consideraram o impacto negativo, 13,2% consideraram nenhum impacto e 10,5% consideraram positivo. Pode-se verificar que taxa anual de artigos publicados das pesquisadoras mães foi crescente até a maternidade onde ocorre um decréscimo nos 2 anos seguintes à maternidade. Posteriormente a curva volta a tendência de crescimento, porém esse crescimento pós-maternidade ocorre em uma taxa menor e só fica mais evidente 4 anos após a maternidade. Para as docentes não mães constatou-se um crescimento constante nas publicações.

A taxa anual de orientações concluídas das pesquisadoras mães apresenta um comportamento crescente até o ano anterior à maternidade e, em seguida, começa a decrescer. Este

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@unifesp.br

comportamento está de acordo com o esperado, tendo em vista que as obrigações da maternidade interferem na produção acadêmica, onde a maioria das mães descreveu o impacto da maternidade na produtividade acadêmica como bastante negativo ou negativo. Já as pesquisadoras não mães, observa-se uma tendência de crescimento ao longo da carreira.

A participação em eventos e congressos das pesquisadoras mães apresenta um comportamento relativamente constante até o ano anterior à maternidade, em seguida decrescendo significativamente. Já para as pesquisadoras não mães, o estudo mostrou uma taxa anual de crescimento contínuo.

## Conclusões

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou a análise descritiva do impacto da maternidade na carreira das docentes da UNIFESP - *campus* Diadema.

Os resultados obtidos referente às docentes mães para a taxa anual artigos publicados em periódicos, orientações concluídas e participação em eventos e congressos mostraram que os anos anteriores à maternidade possuem um comportamento crescente e nos primeiros anos após a maternidade apresentam comportamento de queda, voltando a crescer após o 3º ou 4º ano após a maternidade. Dessa forma, constatou-se uma queda de produtividade no ano da gestação, para em seguida uma queda e posteriormente voltar a tendência de crescimento, embora a uma taxa menor do que antes da maternidade.

Por outro lado, ao analisar os resultados obtidos da taxa anual nos mesmos quesitos referentes às docentes não mães, observou-se que houve sempre um comportamento crescente.

[1] TAVARES, S. P. A. **A evolução da mulher no contexto social e sua inserção no mundo do trabalho**. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de História. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, p. 44. 2012

[2] BAYLÃO, A.; SCHETTINO, E. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 11., 2014, Resende. (Anais), 2014, p. 12.

[3] LEAL, C., L. **Maternidade distanciada: Vivências de mães sobre o ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho**. Trabalho de conclusão de especialização - Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Psicologia, ênfase em Infância e Família. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 51. 2013.

[4] GLAT, R. **Ser mãe e viva a vida: a experiência da mulher após o nascimento do bebê**. 3. ed. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2009. 103 p.

[5] LISBOA, V. Mulheres brasileiras têm menos de dois filhos em média. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 04 Dez. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/mulheres-brasileiras-tem-menos-de-dois-filhos-em-media>>. Acesso em: 10 Nov. 2021.

[6] CAMPOS, A. C. IBGE: Mulheres brasileiras têm filhos mais tarde. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 24 Nov. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/ibge-mulheres-brasileiras-tem-filhos-mais-tarde>>. Acesso em: 10 Nov. 2021.

[7] LESSA, D. Especial Licença-Maternidade 2 - Evolução das leis e costumes sobre licença-maternidade no Brasil (06'02"). **Rádio Câmara**, Brasília, 2007. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/347647-ESPECIAL-LICEN%C3%87A-MATERNIDADE-2--EVOLU%C3%87%C3%83O-DAS-LEIS-E-COSTUMES-SOBRE-LICEN%C3%87A-MATERNIDADE-NO-BRASIL-\(06'02''\).html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/347647-ESPECIAL-LICEN%C3%87A-MATERNIDADE-2--EVOLU%C3%87%C3%83O-DAS-LEIS-E-COSTUMES-SOBRE-LICEN%C3%87A-MATERNIDADE-NO-BRASIL-(06'02'').html)>. Acesso em: 10 Nov. 2021.

[8] O COMEÇO DA VIDA. Direção: Estela Renner. Produção: Maria Farinha Filmes. Brasil, 2016. Netflix.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produtividade, academia, mães, maternidade

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo, iara.bresolin@unifesp.br

